



Temas Emergentes no Banco do Brasil

Os riscos emergentes podem ser definidos como as possibilidades de ocorrências de eventos cujas informações ainda não são suficientemente compreendidas, e que apontem perspectivas futuras de impacto significativo nos resultados do Banco. Esses riscos podem tornar-se relevantes caso seu impacto potencial seja ampliado e se reflita nos objetivos estratégicos da empresa, o que requer a adoção de processos de gestão específicos.

Nesse contexto, contamos com processo de identificação dos riscos relevantes, políticas de riscos, normas, procedimentos, estrutura, governança, infraestrutura de Tecnologia da Informação (TI) e processos de gerenciamento de riscos e de capital que proporcionam a segurança necessária ao desenvolvimento dos nossos negócios.

No Banco do Brasil, a gestão dos riscos tem por objetivo identificar, mensurar, avaliar, controlar, monitorar, mitigar, e reportar os riscos das posições agregadas do Conglomerado Prudencial, bem como identificar e acompanhar os riscos associados às demais empresas controladas por integrantes do Conglomerado e aprimorar a gestão dos riscos de forma global.

Em 2021/2022, revisamos o Modelo de Identificação e Definição da Relevância dos Riscos. Atuamos de forma contínua para aperfeiçoar esse modelo de forma a captar os riscos, fatores e temas emergentes, e os seus potenciais impactos na organização. O processo prevê reflexões e ações para que sejam tomadas medidas preventivas no sentido de evitar a materialização dos fatores de risco e, ao mesmo tempo, aproveitarmos as oportunidades que possam surgir.

O Modelo conta com critérios quantitativos e qualitativos para definição da relevância dos riscos. A matriz de relevância é o instrumento que consolida os resultados das avaliações quantitativas e qualitativas, equilibrando-os de modo a demonstrar o grau de relevância final mais apurado para o risco.

No contexto dos temas emergentes, os fatores que podem gerar ou aumentar a exposição aos riscos são abrangidos de forma qualitativa, que considera as matérias objeto de discussões na análise de mercados para formulação da estratégia corporativa, publicações externas e insumos da Gerência Inteligência de Mercado. Tais informações são traduzidas em fatores de risco e avaliadas em relação à sua possível materialização, dentro do escopo dos riscos relevantes do Banco. Para isso, são aplicados pesos diferenciados, definidos em função da viabilidade de gestão, que podem variar conforme sua complexidade. O resultado da exposição geral dos riscos em relação aos fatores avaliados é classificado em escala de criticidade, utilizada para definir e priorizar os temas relevantes aos quais o Banco está exposto.

Risco de entrada de concorrentes não bancários e mudanças no comportamento do consumidor bancário – Tecnologia a serviço do cliente

Este risco decorre do acirramento da concorrência, impactada diretamente pela atuação das *fintechs*, *bigtechs* e pelo surgimento de novas tecnologias disruptivas como, por exemplo, o *blockchain* e o metaverso, e a evolução do consumidor digital, que está mais informado, mais conectado e exigente, intensificando as transações em tempo real, aumentando a expectativa em torno da velocidade, disponibilidade, segurança e eficiência em relação aos



serviços bancários. Os novos *players*, nativos digitais, se posicionam no mercado de forma rápida e ofertam soluções criativas, inovadoras e construídas a partir da experiência de diversos perfis de clientes.

Os cenários econômicos indicam ganhos menores em intermediação financeira, ampliando a necessidade de reposicionamento da carteira de ativos e maior incremento de outras fontes de receitas, como rendas de prestação de serviços.

O setor bancário está em evolução tecnológica contínua. Os clientes estão cada vez mais exigentes e os bancos continuam a ampliar as fronteiras das aplicações tecnológicas. Os consumidores intensificaram a realização de transações em tempo real, como o PIX e o atendimento online, especialmente por aplicativos dos bancos ou mensagens instantâneas. Essa dinâmica potencializou a expectativa em torno da velocidade, disponibilidade, segurança e eficiência em relação aos serviços bancários.

Verifica-se que o padrão da indústria tem sido proporcionar a melhor experiência para os clientes nos canais digitais e aumentar a eficiência através da digitalização das operações, levando o setor a explorar uma série de temas que complementam as estratégias de investimentos em tecnologia. Boa parte dessa priorização de recursos busca alavancar ainda mais os canais digitais e sua capacidade de relacionamento e geração de negócios.

A competitividade do setor exige que as instituições financeiras tomem decisões cada vez mais rápidas e eficientes. Diante do alto volume de dados da indústria, adoção de estratégias e práticas que tornem a captura e utilização desses dados de forma mais efetiva é latente. O *Open Finance* é a realidade que possibilita o aumento da interoperabilidade do ecossistema financeiro à medida que se cria um ambiente seguro de compartilhamento de dados que possibilita novas oportunidades e traz novas ameaças para os negócios da empresa. O desafio se concentra na aceleração do processo de transformação digital, com aumento contínuo de produtividade e difusão da mentalidade digital, para ganhar mais eficiência e melhorar a experiência do usuário e a satisfação de clientes.

Vislumbramos que a competição deve mudar: de arenas específicas, com *players* especializados, para o confronto entre ecossistemas contendo grandes arranjos de empresas de portes variados, que colaboram e se complementam na construção de soluções para atendimento de necessidades do consumidor. Essa "plataformização" da economia trará novos arranjos entre empresas, a exemplo de empresas de varejo adquirindo empresas de comunicação e *fintechs*.

Estamos atentos às inovações no setor financeiro, especialmente o surgimento de novos modelos de negócios e tecnologias, e buscamos nos antecipar às tendências, com investimentos em transformação digital e criação de novos modelos de relacionamento. Para isso, revisitamos nossos modelos e canais de atendimento, intensificando soluções digitais capazes de melhorar a experiência do cliente. Também otimizamos nossos comitês estratégicos, agilizando a tomada de decisão e garantindo maior assertividade no processo de transformação digital. Investimos em Plataforma Analítica e Inteligência Artificial, essenciais à criação compartilhada de modelos prospectivos capazes de antecipar tendências de comportamento do consumidor. Avançamos também em estratégias como *Open Finance* e *Marketplace*, além de buscar posicionamento estratégico no ecossistema digital.



Buscamos também mitigar esse risco mantendo o foco no comportamento do consumidor bancário e investindo na qualidade e conveniência do atendimento, principalmente por meio do desenvolvimento de produtos e serviços adequados às demandas dos consumidores e de tecnologias multicanal, ou seja, nas quais o cliente pode escolher o canal que melhor lhe atenda e ter a facilidade de manter seu relacionamento bancário, mesmo em um cenário de restrições impostas pela pandemia.

Desde 2019, elevamos os investimentos em eficiência operacional, com objetivo de reduzir despesas e otimizar processos. Intensificamos a alocação otimizada de capital, priorizando portfólios de crédito com melhor relação risco x retorno e nos filiamos à Associação Internacional de Portfólio de Crédito - IACPM, garantindo nosso protagonismo no debate mundial sobre o tema e mantendo-nos atento às mudanças de cenário.

Em 2021, o avanço da construção das APIs (Interface de Programação de Aplicativos) permitiu a formalização e implantação de mais de 100 parcerias com empresas de tecnologia, que desenvolvem soluções diversas, promovem os serviços do BB e aumentam as oportunidades de negócios. Dos mais de 5 mil clientes que consomem nossas APIs, quase metade utiliza os serviços financeiros de cash por meio das plataformas de nossos parceiros. Ao todo, cinco APIs estão publicadas no Portal Developers BB e várias outras estão em processo de piloto, passando por preparações diversas antes da divulgação massificada.

Risco da não transição para uma economia de baixo carbono

Este risco decorre da possibilidade de os clientes do Banco do Brasil não desenvolverem estratégias de adequação e mitigação de riscos climáticos, dificultando ou atrasando a sua transição para uma economia inclusiva e de baixo carbono.

Os efeitos das mudanças climáticas podem influenciar diversos segmentos do Mercado. A partir das negociações da COP26, com o compromisso global de redução das emissões de metano em 30%, até 2030, surgem desafios e oportunidades para as empresas, que as impulsiona a se adaptarem com vistas a reduzirem suas emissões.

Alcançar a ambição climática prevista na COP 26 exigirá grandes mudanças e investimentos adicionais. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (sigla em inglês, IPCC) estima que em torno de US\$ 1,6 a US\$ 3,8 trilhões, por ano, serão necessários para evitar que o aquecimento exceda 1,5°C. O Banco Mundial, por sua vez, calcula que os países em desenvolvimento precisarão investir cerca de 4,5% do seus PIB para enfrentar os efeitos das mudanças climáticas.

Como parte do sistema financeiro, assumimos a responsabilidade de direcionar a aplicação de recursos e auxiliar nossos clientes na transição de uma economia de alto impacto para uma economia sustentável, menos intensiva nas emissões de carbono e mais inclusiva, com correta gestão de riscos e elaboração de modelos inovadores de captação de investimentos. Contudo, vislumbramos potenciais impactos nos negócios do Banco decorrentes dos desafios enfrentados pelas empresas nesse processo de transição para uma economia verde, o que poderá resultar em desvalorização de ativos dessas empresas, com repercussão nos riscos de crédito e de mercado.



Os negócios do Banco poderão ter sua rentabilidade afetada em razão de potenciais impactos nos empréstimos, nos financiamentos e nos Títulos e Valores Mobiliários, em especial quando se considera que o risco climático pode representar perdas financeiras para os clientes que não tenham conseguido se adequar a esse movimento. Ainda, alterações regulatórias ou a taxação de carbono podem alterar o equilíbrio econômico-financeiro das empresas, assim como a redução da demanda por produtos intensivos em carbono ou oriundos de processos produtivos que impliquem aumento de emissões podem também levar a perdas financeiras. Da mesma forma que os riscos físicos, o risco de transição pode afetar a capacidade de pagamento do cliente e, por conseguinte, gerar possível inadimplência.

Atentos aos impactos do risco da não transição para uma economia de baixo carbono por parte de nossos clientes e potenciais clientes no resultado dos nossos negócios, buscamos mitigá-lo por meio do desenvolvimento e oferta de soluções financeiras com aspectos socioambientais, alinhados às nossas Diretrizes de Sustentabilidade para o Crédito, que estão em sinergia com os compromissos internacionais assumidos pelo Governo Federal, entre eles os relacionados à mitigação e à adaptação aos efeitos das mudanças climáticas.

Com destaque nacional no desenvolvimento de soluções financeiras e modelos de negócios que promovam a transição para uma economia sustentável e inclusiva, consideramos as mudanças climáticas no planejamento e aproveitamos oportunidades de negócios para uma economia de baixo carbono, especialmente para atender às necessidades de redução de emissões assumidas pelo Brasil no Acordo de Paris.

A adoção de premissas sustentáveis vai ao encontro da nossa estratégia ao direcionar a aplicação de recursos às atividades e/ou sistemas de produção caracterizados pelo baixo impacto ambiental, baixo carbono e inclusiva, em toda a cadeia de valor. Como principais linhas de financiamento, pode-se destacar o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Programa de Agricultura de Baixo Carbono (ABC).

Em 2021, contratamos R\$ 18,4 bilhões em crédito por meio do Pronaf. Com o volume, o BB é líder de mercado com 46,5%. Os negócios atingiram 84,7% dos municípios brasileiros, o que demonstra a abrangência do programa. Em termos de carteira, são mais de 613 mil produtores pronafianos atendidos.

Durante o ano, mantivemos também a liderança na contratação de financiamentos do Programa de Agricultura de Baixo Carbono (ABC), alcançando 61,4% do mercado com uma carteira de R\$ 7,43 bilhões. Considerando a carteira total, o ABC abrange 45,7% dos municípios brasileiros, beneficiando mais de 12,4 mil produtores rurais.

Também investimos em tecnologias sustentáveis para a carteira de agronegócios, que contribui para ganhos de eficiência, aproveitamento de resíduos e redução de impactos ambientais, possibilitando a expansão da capacidade produtiva dos estabelecimentos rurais. A oferta de crédito para suporte dessas tecnologias, torna-se, assim, uma oportunidade para as instituições financeiras. O crédito para cadeias produtivas de baixa emissão de GEE, além de incentivar a adoção de tecnologias sustentáveis e geração de fontes de energia renovável, permite que as instituições financeiras equilibrem o seu portfólio, mitigando os riscos da transição para uma economia de baixo carbono.



Além disso, os clientes têm à disposição um portfólio de produtos que inclui Seguro Agrícola, Seguro Agrícola Faturamento, Proagro e Proagro Mais, todos com coberturas que mitigar os efeitos adversos do risco climático. No ano de 2021, 60,8% de todo o custeio agrícola, no montante de R\$ 52,7 bilhões, contaram com a cobertura do Seguro Agrícola ou do Proagro para mitigação de risco de perda da produção em virtude de eventos climáticos extremos.